

**ENTRE REZAS E RESISTÊNCIAS:  
A MÍSTICA POLÍTICA DAS COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE NO AGRESTE  
DE PERNAMBUCO**

José Nascimento

**RESUMO**

As Comunidades Eclesiais de Base como movimento intra-religioso presentificou e fortaleceu a organização política desde os tempos da ditadura militar em toda a América Latina. O artigo apresenta como essa constitutividade política se faz presente sob o signo da espiritualidade vivida pelas comunidades do Agreste pernambucano e empreende sinais que ressalte a maneira como a doutrina católica, especialmente nas últimas décadas, conflituou com o conceito de liberdade pretendida pelos animadores de comunidade agrestinos. Além disso, encara a estratégia de mobilização e apropriação da consciência de grupo: a festa Natal das Comunidades

Palavras- chave: igreja católica, CEBs, espiritualidade, liberdade, liturgia.

**ABSTRACT**

The Ecclesial Communities, that is a intra-religious movement, became present and strengthened political organizations since the days of the military dictatorships in all Latin America. This article examines how this policy is present in this organization under the sign of ecclesial spirituality lived in communities from the interior of Pernambuco, presenting as Catholic doctrine, especially in recent decades, clashed with the freedom required by Latin American theologians. Additionally, this article also analyzes the mobilization strategy and how the group became conscious about themselves. All work carried out by political-religious officials contributed on how they understand and dialogue with the local authorities. With the analysis of the reports obtained in a workshop with the leaders, the observation of 'Christmas of the Communities' party and during the bibliographic search, arise stories of resistance of a people who refused to reproduce the situation of oppression and misery.

Key words: catholic Church, ecclesial communities, spirituality, freedom, liberation theology.

**INTRODUÇÃO**

As Comunidades Eclesiais de Base (CEB's), no agreste pernambucano, surgiram nos anos 70, do Movimento de Evangelização e espalharam-se rapidamente por muitas paróquias. Desde início, um grupo de agentes de pastoral que unia religiosas, padres e leigos das dioceses de Caruaru, Pesqueira e Garanhuns reunia-se, periodicamente, para estudar e refletir sobre a prática política e celebrar o processo de organização e expansão das comunidades.

Em 1981 o grupo decidiu dar visibilidade à práxis das CEB's, inaugurando o se chamaria de Natal das Comunidades, esta festa que celebra a fé e a vida do povo ainda hoje reúne cerca de três mil pessoas, numa edificação que convencionou-se chamar de Santuário das Comunidades. Atualmente, além de acolher a festa, o Santuário é um centro de formação dos militantes das Comunidades Eclesiais de Base com o objetivo de promover o crescimento das comunidades, partindo da opção preferencial pelos pobres, tendo como princípios a autonomia crítica e cidadã, a participação ativa na igreja e na sociedade.

Este trabalho tratará de tematizar as Comunidades Eclesiais de Base (CEB's) procurando desvelar a centralidade radical da opção preferencial pelos pobres sociológicos, não como expressão de mera formalidade pastoral, em que se é exaltado como justificador da ação a ser trabalhada, mas no exercício de uma práxis de opção radical e política de um modelo de Igreja ainda presente nos rincões paroquiais.

Dentro deste horizonte, dar significado a práxis humana. Dar à fé uma tônica de Liberdade trazendo em si o sentido político. Do sair de si para a alteridade libertadora. Dessa forma, a práxis pastoral toma uma nova categoria de interpelação. Daí a ideia de práxis libertadora. A práxis não é produção imediata, aos moldes da técnico-ciência. A práxis é mobilidade produtora do inserir-se no mundo. Do incluir-se na efetivação de Direitos Humanos, num projeto de dignificação humana. Práxis Libertadora é, em definitivo, o lugar teopolítico das CEB's, que ao buscar o Transcendente, depara-se com a existência humana.

Neste trabalho, considero o duplo olhar do animador de comunidade: Deus, de onde crê advir a libertação possível e o olhar para o oprimido donde identifica a necessidade de libertação. Atento e reconhecendo que as CEB's concentram agrupamento fragilizado. E que o abandono oficial do projeto anunciado nas conferências episcopais de Puebla e Medellín de opção preferencial pelos pobres faz surgir novos desafios e novas categorias de Liberdade, fé e vida.

## **1 O (DES)ENCONTRO DAS AÇÕES DOS PROTAGONISTAS**

O Concílio Vaticano II recuperou a participação de todos os fiéis na missão da Igreja. Suscitou, em toda a América Latina, Conferências Episcopais que davam rosto ao povo pobre. A opção preferencial da Igreja pelos pobres recuperava sua característica originária e essa opção afetava toda a sua relação de poder com o mundo. Se a Igreja toma partido pelos

pobres, toda a sua orientação político-ideológica há de ser re-orientada em função de prioridades e as relações ideológicas subsequentes.

No entanto, a teologia pós-conciliar que fala do protagonismo dos pobres em sua libertação foi, aos poucos, reorientada. A palavra opção fora substituída pela palavra amor. Os pobres deixam de ser protagonistas.

O modelo de Comunidade Eclesial de Base (CEB), adotado fortemente pela diocese de Caruaru ainda nos idos da década de 1960, começava dar sinal de exaustão nos finais da década de 1980. Os sinais visíveis de mudança postularam uma rápida transformação na mentalidade dos clérigos. O fenômeno de participação religiosa, unindo a fé à vida foi, aos poucos, mostrando insatisfação. Eclode daí, outro fenômeno religioso que reforça a centralidade do poder clerical.

As novas orientações teológico-pastorais expressam a centralidade institucional e a exegese bíblica do povo padecerá restrições. Os animadores (assim chamados os líderes das CEBs) ocuparam papel de colaboradores dos padres e os resistentes são excluídos da vivência paroquial. Aliás, a postura da Igreja Oficial frente às CEB's remete aos totalitarismos contemporâneos que compreendem que a verdade e o bem são intra-sistêmicos. Todos os que questionarem estarão no erro. E a *“estratégia é sempre a mesma, em qualquer sistema totalitário: converter os outros ou submetê-los ou desmoralizá-los”*<sup>1</sup>.

Tal situação provocou uma crise nas Comunidades. A chegada desse novo modelo de pastoreio altera e aprofunda o *sistema de tensões*. Essa circunstância desembocou numa problemática de referência de poder por parte daqueles que constituem lideranças nas comunidades e os novos párocos ou, ainda, entre as lideranças, muitas vezes financiadas pela própria paróquia num sentido de desorganizar politicamente a organização comunitária.

As CEBs já rezavam, em meados da década de 1990, essa nova situação:

Vimos que há Comunidades onde o animador já está animando sozinho (...) e cansou (...). Alguns animadores que se elegeram políticos se distanciaram das comunidades ou foram deixados de lado pelos pastores. Para parte do clero, as comunidades têm valor enquanto estão a serviço dos sacramentos. As CEB's são importantes nos documentos da igreja, mas não na prática de muitos pastores.<sup>2</sup>

O não-reconhecimento das CEB's e, portanto, de sua liderança levou algumas

<sup>1</sup> CONBLIN, José. *Vocação para Liberdade*. São Paulo: Paulus, 1998. p 111.

<sup>2</sup> FUNDAÇÃO SANTUÁRIO DAS COMUNIDADES. *Novena de Nata: o grito dos excluídos*. Caruaru: 1995, p. 17.

comunidades a protestos contra os sacerdotes. Estes elegeram novos líderes para estar com eles, anulando e isolando os animadores. Mas, por que isso necessariamente veio acontecer? Primeiramente porque o padre é membro de uma diocese, possuidora de um plano de pastoral que tenta se executar, depois por encontrar fértil obediência às suas vontades, por parte do grupo majoritário.

Significativamente Weber vem afirmar que “*toda probabilidade de impor a própria vontade numa relação social, mesmo contra resistências (...)*” é a probabilidade de encontrar obediência a uma ordem de determinado conteúdo, entre pessoas indicáveis.<sup>3</sup>

Se para o conjunto majoritário dos fiéis católicos a presença do padre é imprescindível, sua importância avulta consideravelmente. Explicita-se daí uma divisão entre dominado e dominador, ao reconhecer o padre como o *pastor do rebanho*.

Destarte, a obediência pode configurar-se numa estratégia do dominado, que, em determinado momento, sujeita-se a essa condição porque as circunstâncias em que se encontra não lhe permitem outra alternativa. Então, ela pode se manifestar como resistência. Por assim dizer, “*dissimulada por uma questão de oportunidade, exercida na prática por interesse material próprio*”.<sup>4</sup>

Nesse âmbito, a Igreja Católica, em sua tendência conservadora, reassume a postura de opressora e as CEBs de oprimida. A libertação proferida pelas CEBs, advém, doravante, também do conflito intra-religioso. O choque entre animadores de comunidades e os padres torna-se inevitável. Nessa perspectiva, afirma um dos documentos das CEBs no agreste:

As CEB's, onde elas funcionam, vão convertendo os bispos e os padres: fazem com que eles se afastem dos fazendeiros e dos empresários e se aproximem do povo, caminhem com o povo e ponham os pés no chão. No novo modo de ser Igreja das CEB's, não há lugar para bispos e padres que queiram dominar autoritariamente. Autoridade na Igreja é para servir.<sup>5</sup>

Essa maneira de constituir-se comunidade afronta, portanto, a cosmovisão opressiva que reduz os comunitários a meros espectadores das assembléias litúrgicas. A Igreja seria, assim, o lugar em que se reestabelecia a identidade de grupo social como lugar dos iguais, dos comuns.

---

<sup>3</sup> WEBER, Max. Os três tipos puros de dominação legítima. In: CONH, Gabriel (org). *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1993. p. 33.

<sup>4</sup> Ibidem, p 140.

<sup>5</sup>FUNDAÇÃO SANTUÁRIO DAS COMUNIDADES. *Cartilha das Comunidades*. Caruaru: Vanguarda, 1995. p 07.

## 2 A MÍSTICA LIBERTADORA MANIFESTADA NAS CELEBRAÇÕES LITÚRGICAS

O pressuposto básico para realização desta pesquisa diz respeito à questão da reprodução da Igreja comunitária através do seu envolvimento político que se daria *ad intra* e *ad extra*. Dessa forma, é comum a presença marcante dos agentes religiosos e, particularmente, celebrações e rituais que (de)marcam a pertença destes ao grupo.

Para as CEBs, a ação fé a uma divindade é associada a uma práxis para libertação. E a leitura bíblica, a celebração litúrgica é ação estratégica de alimentação de esperança de conquista dessa liberdade. É essa relação com o Sagrado que oferta a certeza de que seu deus tomara partido, conforme o livro bíblico do Êxodo (Ex 3, 7ss). Dessa forma, a liberdade é entendida para a historicidade, dada por um deus que intervém por meio de um

...empreendimento humano pelo qual se estabelece um cosmo sagrado. (...) Por sagrado se entende aqui uma qualidade de poder misterioso e temeroso, distinto do homem e, todavia, relacionado com ele, que se acredita residir em certos objetos da experiência<sup>6</sup>

Consequente da cosmovisão marxista, da práxis por libertação e do processo de re-interpretação bíblica, foi assegurada uma mística que pressupõe a manifestação do Reino de Deus em construção, mas já presente na história, como verificamos na celebração de 25 anos da Fundação Santuário das Comunidades:

Nesses 25 anos, uma espiritualidade nos alimentou e incentivou a caminhada: a espiritualidade libertadora. A certeza de que um outro mundo é possível já na terra, com melhor partilha dos bens que o Pai deu para todos e para todas; é isso que vem mobilizando as CEB's a empenhar suas vidas neste projeto do Reino<sup>7</sup>

Dentro dessa perspectiva, a religião re-constrói e re-significa as ações no mundo. E na medida em que estaria circunscrita a padronização romana da Eclésia, as CEBs sofreria forte rejeição, especialmente em sua manifestação celebrativa porque foge da uniformização pretendida pela instituição:

---

<sup>6</sup> BERGUER, Peter. *O Dossel Sagrado*: elementos para uma teoria sociológica da Religião. São Paulo: Paulus, 1985. p. 38.

<sup>7</sup> FUNDAÇÃO SANTUÁRIO DAS COMUNIDADES. *Novena de Natal. 25 anos celebrando a espiritualidade libertadora*. Caruaru: Vanguarda, 2005. p. 02.

Temos uns rostos, uns retratos; uns rostos que vão sendo conhecidos de todos. Fazemos nossos roteiros de celebração dos irmãos e das irmãs das bases. Descobrimos que somos gente pra valer, com os nossos próprios costumes e valores, o nosso jeito de rezar e nos organizar.<sup>8</sup>

E na medida em que as CEBs não podem contar com o apoio romano, passa a investir mais profundamente nos próprios modelos de celebração e rituais litúrgicos, em concorrência e alternativas, inclusive, aos modelos paroquiais. “*Conduz as ações praticadas pelos agentes religiosos na sociedade às tentativas de oferecer um produto diferenciado, com ações que visam mudar a realidade vivida por seus clientes (...)*”<sup>9</sup>

Obviamente que, dentro de uma perspectiva mercadológica da religião, se insere o catolicismo romano, pode considerar que a tolerância das diversas expressões metodológicas faria parte de sua estratégia de ampliação de mercado. Uma ruptura mais radical, provavelmente, desencadearia num cisma e enfraqueceria ambas as partes. Ademais, a Igreja Católica, institucionalizada, ao Contrário das CEBs emergem seu discurso para as diversas classes sociais. Todas são convidadas à libertação (do pecado). Para tanto, é importante certas especializações para certos públicos, como afirma Poker:

um dos grandes segredos da Igreja Católica consiste no fato de que há dentro dela certas ‘especializações’, isto é, apesar de pretender-se única e homogênea, a Igreja não trata e nem fala a seus fiéis todos da mesma maneira. As várias formas de ‘prática pastoral’ denotam bem isso. Os diferentes movimentos e modelos de religiosidade parecem endereçar-se a atender os interesses e necessidades de classes sociais determinadas.<sup>10</sup>

Neste sentido,

por mais contraditório que seja, o catolicismo já há muito vem servindo como religião que fornece a legitimidade teológica para a dominação e conservação, e simultaneamente, também sendo o depositário ideológico do qual se pode retirar os princípios das lutas de resistências e transformação.<sup>11</sup>

A mística das CEBs não passa, portanto, pelo exercício de preceitos e/ou rituais religiosos institucionalizados/romanizados, mas pela vivência de sua fé de acordo com as interpretações bíblicas adaptadas às necessidades da comunidade, não de forma voluntarista e

<sup>8</sup> FUNDAÇÃO SANTUÁRIO DAS COMUNIDADES. *Cartilha das Comunidades*. Caruaru: Vanguarda, 1995. p. 10 e 11.

<sup>9</sup> BERGUER, Peter. *O Dossel Sagrado: elementos para uma teoria sociológica da Religião*. São Paulo: Paulus, 1985. p. 155.

<sup>10</sup> POKER, José Geraldo. *A prática da vida e os desencontros da libertação*. São Paulo: 1994, p. 166.

<sup>11</sup> Idem.

inconsequente mas sob a ótica da expressão da comunicação divina e da tradição: “*Um jeito muito bom de comunicar a Deus e aos irmãos toda a vida que existe dentro de nós, é através da celebração comunitária, como fazia o Povo de Deus no Antigo Testamento*”<sup>12</sup>

Aqui, a expressão mistagógica aparece como algo que fornece sentido para o conjunto dos acontecimentos cotidianos da vida da comunidade, impulsionada a sua mobilização, revelando uma promessa de libertação a ser concretizada aqui mesmo no plano terrestre.

Hoje, também, a celebração e a festa fazem parte da vida de nossa comunidade e nos dão mais força e alegria na caminhada. Através do canto, da dança, das orações, das fogueiras, dos símbolos de nossa fé e de nossa cultura, expressamos nossos sentimentos; falamos a Deus e aos irmãos e irmãs, da alegria, da gratidão, do arrependimento, da amizade, da vida nova, da saudade, da luta e das pequenas vitórias.<sup>13</sup>

Nessa perspectiva, o enfrentamento das lutas cotidianas e suas situações de luta oferecem os signos para sua ritualidade religiosa, como afirma Poletto:

O que ocorre é que parte significativa de nossa população vive as contradições sociais como motivação cristã, como uma vivência religiosa. Daí a necessidade de se fazer um aprofundamento para que a fé leve os cristãos ao enfrentamento político, e a luta seja, ao mesmo tempo, uma explicação de sua fé. E que façam a luta em conjunto, fraternalmente, com todas as pessoas que tenham as mesmas necessidades e aspirações.<sup>14</sup>

Esse é o cerne na espiritualidade das CEB's, marcada por um fervor militante, na medida em que afirma a necessidade de aprofundamento da fé como mecanismo de enfrentamento político. Concretamente, o ideário político é expresso através da linguagem religiosa, mas dentro das características próprias de suas expressões fideítas.

## 2.1 O arcabouço litúrgico das celebrações comunitárias

As CEBs enfrentam a problemática séria e importante da religiosidade popular, num primeiro momento, sob ótica de uma religiosidade fatalista e justificadora de situações de opressão (Graças a Deus, Deus que quis, etc). Somado a sua preocupação social e com reflexões de natureza sócio-analítica.

<sup>12</sup> FUNDAÇÃO SANTUÁRIO DAS COMUNIDADES. *Cartilha das Comunidades*. Caruaru: Vanguarda, 1995. p. 13.

<sup>13</sup> Idem.

<sup>14</sup> POLETTO, Ivo. *As Contradições Sociais e Pastoral da Terra*. In: PAIVA, Vanilda (org) *Igreja e questão agrária*. São Paulo: Loyola, 1985. p. 135.

Por isso, vem buscando criar uma atitude de crítica, que assimile da devoção popular sua capacidade de formar comunidades. Têm procurado captar da religião do povo, de origem ameríndia e africana, elementos mais profundos de seu pensar e viver religioso. Entrega-se ao esforço real de compreender a religião do povo, do pobre, sobretudo no seu pensar sapiencial, porém, re-significando seus lineamentos simbólicos de justificação dos condicionamentos sociais.

Assim, as CEBs re-valorizaram formas populares de liturgia, como a romaria, a peregrinação, a via sacra ou a novena com riqueza de criatividade litúrgica, adaptando as celebrações a torná-la desalienante ao assumir os conflitos do cotidiano. O seguimento de Jesus é feito no encontro das tensões, na re-leitura da história sob a ótica da revelação de um deus entendido como caminhante na história humana.

Este seguimento (imitação) é um caminho que se faz caminhando. Itinerário que, segundo as fontes bíblicas, é uma experiência coletiva, porque na verdade é um povo que se põe em marcha. Os pobres da América Latina se põem hoje em movimento, lutando por afirmar sua dignidade humana e sua condição de filhos e filhas de Deus, e nesse movimento ocorre uma experiência espiritual. Ou seja, existe um lugar e tempo de encontro com o Senhor, e é a partir daí que se esboça uma trilha no seguimento de Jesus Cristo.<sup>15</sup>

Nesse sentido, o seguimento impõe-se como ponto nodal da caminhada. Seguir a Jesus é refazer em cada momento da história a atitude fundamental de Jesus: tomar partido pelos mais pobres, marginalizados até a doação completa de sua vida.

## 2.2 O natal das comunidades

As CEB's têm procurado articular a práxis com a festa. No fundo, busca-se superar as velhas fórmulas do cristianismo triste.

No simbolismo das Igrejas tradicionais manifesta-se um traço da religiosidade do povo que poderia chamar-se de cristianismo triste. De herança lusa, as imagens de Cristo crucificado, do Bom Jesus e de Nossa Senhora das Dores atraem a devoção. Na cruz pregado, o corpo ensanguentado com a coroa de espinhos e o lado transpassado pela lança do soldado – testemunho sempre presente do martírio de Jesus!<sup>16</sup>

---

<sup>15</sup> GUTIERREZ, Gustavo. *Cebs*. Petrópolis: Concilium, 1982. p. 44.

<sup>16</sup> LEERS, Bernardino. *O triste cristianismo e Jesus de Nazaré*. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 586.

O cristianismo é compromisso transformador, práxis histórica. Para entender que os atos de fé pertencem a esta dimensão da práxis, a categoria da festa serve de mediação. Categoria que *“não apenas corresponde ao espírito dos nossos povos que sabem festejar e gostam de fazê-lo, mas provém do interior mesmo de uma visão de cristianismo que se entende como fé atuante na caridade”*<sup>17</sup>

Festa denota a dimensão de celebração tão fundamental em toda conquista. Mas uma celebração que não só recorda, atualiza, anuncia, mas também engaja aquele que a faz. Nessa dimensão, os animadores de comunidades, que mantêm uma constante comunicação entre si, por meio de encontros mensais celebram o 29º Natal das Comunidades, neste ano. O Natal das Comunidades é um encontro festivo proposto pelas comunidades das três dioceses do agreste de Pernambuco (Pesqueira, Garanhuns e Caruaru) que reúne representantes das CEBs vindos de diversas comunidades no Brasil para celebrar e avaliar a práxis de libertação. Esse fato representa uma oportunidade de envolver as comunidades e representantes de outras igrejas. Além disso, *“cumprir a finalidade de ser memória viva da caminhada das comunidades. Atingindo outras comunidades, ajuda a descobrir as nossas raízes, nossa identidade, nossa história e anima o espírito de partilha de nosso povo”*<sup>18</sup>

A festa comporta-se, por assim dizer, como a grande ocasião para fazer aparecer os grandes temas de embate político-social e enfrentamento histórico. Sociologicamente, o momento maior de integração comunitária global.

O Natal das Comunidades consiste um duplo olhar: para o passado, recolhendo a herança evangélica vivida pelas Comunidades e pela Igreja na América Latina; e para o futuro imediato, para o amanhã se presentificando no agora. Conforme documento:

Dez anos atrás começamos nossa caminhada, como comunidades das dioceses do Agreste de Pernambuco, buscando maior entrosamento entre nós. Procuramos conhecer e sermos conhecidos; procuramos mostrar quem somos e saber quem são as outras comunidades.<sup>19</sup>

A memória presentifica a experiência e alimenta os sonhos. Diante do patrimônio de experiências de libertação, três perguntas se levantam para construir o futuro: que conservar na sua integridade? Que manter com modificações? Que criar de novo?

---

<sup>17</sup> Ibidem, p. 589.

<sup>18</sup> FUNDAÇÃO SANTUÁRIO DAS COMUNIDADES. *Ata da reunião da diretoria ampliada da fundação santuário das comunidades de base do Agreste de Pernambuco* em 02/02/1995. in: Livro de Atas da Fundação Santuário das Comunidades. VI 01 folha 19.

<sup>19</sup> FUNDAÇÃO SANTUÁRIO DAS COMUNIDADES. *10º Natal das Comunidades: dez anos de Caminhada*. Caruaru, 1990. p 06.

Tendo em vista ir gestando respostas para essas perguntas, a preparação dos Natais das Comunidades são precedidos por material de reflexão-celebração trabalhadas e rezadas em pequenos grupos familiares e comunitários, durante nove dias que precedem o Natal.

Para a celebração dos Natais das Comunidades, as CEBs têm passado por um longo período de preparação. Não festejam simplesmente o Natal como algo em si, mas como fim de um processo de reflexão nas comunidades e como celebração da práxis libertadora no último ano.

Utiliza-se de um esquema ver-julgar-agir (aprofundado metodologicamente pelo teatrólogo Augusto Boal), através do simbólico para falar da memória, sonhos e compromissos. Naturalmente, que a memória, presente nas representações teatrais ou nas narrativas orais dos animadores, estabelece uma relação com o ver. As ações cenográficas provocam uma narração reflexivo-crítica sobre a caminhada das CEB's, sobre o rosto dessas comunidades e os enfrentamentos político-sociais reais, rememora a condição de comunidade (julgar) e a atualiza (agir).

Persiste, assim, marcante a relação entre a vida na comunidade e o compromisso social, tanto em nível pessoal, quanto comunitário. Trata-se de engajamentos bem concretos em nível local e em causas de maior amplitude.

O Natal das comunidades torna-se um espaço de encontro. Não meramente um encontro entre pessoas, grupos e comunidades. É o espaço político do encontro dos comuns para a comum-unidade. Neste espaço, a utopia e a esperança de um mundo melhor reascende e se dissemina.

### **3 A PRÁXIS LIBERTADORA NUMA SOCIEDADE DE GRATIFICAÇÃO IMEDIATA**

A lógica de mercado, ao passo em que assentada na concorrência e na competitividade, continua a gerar imensa exclusão, está sendo ideologicamente messianizada como único caminho admissível. E, assim, *“tomando como base essa premissa, em princípio, para o ser humano, só lhe é possível existir a partir da existência do mercado.”*<sup>20</sup>

Diante dessa trágica realidade, em que a maioria da humanidade passa ao rol da inexistência, as CEBs veem-se frente a dois grandes desafios. Em primeiro lugar, uma revisão

---

<sup>20</sup> RODRIGUES, Kleber Fernando. *Teologia da Prosperidade: sagrado e mercado*. Caruaru: Fafica, 2003, p. 80.

de seu discurso e de seu método sem ser absorvido pelo discurso do imediatismo e da prosperidade, muito em voga atualmente; e, em segundo lugar, reafirmar a fidelidade aos seus princípios inspiradores. “*Trata-se, antes, de rever ingenuidades e esquematismos em que elas se inscreviam. Certas mediações sócio-analíticas.*”<sup>21</sup> A realidade pós-moderna é espessa, dispersa e dialética. Isso tanto na teoria quanto na prática.

As CEBs do agreste, no âmbito da Igreja, não são mais a voz preponderante, mas tolerada: na melhor das hipóteses, uma voz entre outras. No âmbito sociopolítico, uma voz destoante como algumas outras.

Se nas CEBs dá-se o grande foro de promoção de valores opostos à gratificação imediata, então toda a questão de subverter as opressões normais de uma economia de mercado está na ordem do dia. O pressuposto é que, para enfrentar as normas operativas do mercado, prejudiciais às pessoas mais pobres e com menos oportunidades sociais, deve-se implantar re-descobrir um novo sistema baseado na solidariedade que concretize, de fato, uma contracultura desejável.

As CEB's continuam sendo uma importante base de tomada de consciência social e política por parte de setores populares no agreste pernambucano, base para mobilização social, para engajamento em ações reivindicatórias, de resistência, de protesto; base para engajamento em ação política. Particularmente nestes últimos anos, apesar de certa perplexidade provocada pela queda do socialismo real, tem sido um foco de resistência contra o pensamento único neoliberal e de defesa dos direitos humanos e na intercessão nos processos de elaboração, execução e transparência do orçamento público. Sobretudo, no tocante às políticas públicas de saúde, criaram ou reforçaram um grande número de lutas e de movimentos populares em toda a diocese de Caruaru, dentre eles destacam-se a luta pela água e pela garantia da universalização do SUS.

Foi numa certa direção que esta contribuição foi feita: de um modo geral, elas puseram em ação nestes movimentos práticas democráticas, insistindo na participação nas informações públicas, nas reuniões e assembleias intra-ecclesial e extra-ecclesial, na tomada de decisões sócio-política, nas ações coletivas (como na promoção do grito dos excluídos) e na formação política permanente.

Da mesma maneira, as comunidades de base criaram ou reforçaram as oposições nos sindicatos de trabalhadores rurais em diversos municípios, mantendo as direções sindicais sob pressão constante, ou assumindo a direção destes. Aí, também, foi no sentido da participação

---

<sup>21</sup> ASSMANN, H. Teología de la liberación: mirando hacia al frente. In: *Revista Latinoamericana de Teología*, n. 34, enero-abril, 1995, San Salvador, p. 102.

democrática e da busca de autonomia dos movimentos e organizações populares que a contribuição se deu. Autonomia com relação ao Estado, aos políticos, aos líderes populistas, aos partidos políticos, aos agentes externos (intelectuais ou estudantes) que agem junto aos grupos populares.

Contribuíram, portanto, para o processo de democratização da vida política. Em Riacho das Almas, por exemplo, nas últimas eleições municipais, as CEB propuseram uma plataforma eleitoral que considerava a democratização do acesso à informação e da definição das políticas públicas do município. Além de opor-se ao clientelismo característico da cultura política agrestina (e brasileira) e atuando pela participação das classes populares no processo de elaboração dos planos diretores, plunianais e dos orçamentos municipais.

Poder-se-ia dizer que as CEBs passaram por uma fase de expansão extraordinária até início dos anos 90, mas que elas estão agora num período de crescimento ordinário. Neste novo contexto, porém, elas mantêm sua vitalidade. *“Muitas comunidades renovam seus quadros. Comunidades que se expandiram, gerando comunidades-filhas, há comunidades que criaram instrumentos mediadores junto ao governo”*<sup>22</sup>

Em meio à hegemonia neoliberal, as CEBs continuam a acreditar e a lutar por um mundo novo, *“um novo céu, uma nova terra e um novo mar”*<sup>23</sup>. Mesmo se essa nova sociedade não tivesse um desenho claro e nítido, é certo, no entanto, que a utopia alimenta as comunidades de agora como a realidade ainda-não-concretizada, mas que pode ser concretizada. É essa realidade germinal, projeto pensado e desejado que ainda não compareceu ao mundo existente, que ocupa o lugar das esperanças dos comunitários. É, sem dúvida, a motivação para continuar a buscar, a partir da práxis humana, a transformação em *topia*. É sonho sempre inacabado, por isso renovável, reconstruível, projeto a ser realizado, para não desistir.

O agreste inteiro será o jardim das delícias, o lugar dos passeios de Deus, e as comunidades, perto das fontes, cantam, dançam, louvam a grandeza do universo, acariciam docemente seus filhos e suas filhas, guiando-se pelas correntes da vida e todos juntos beberemos a alegria de viver nesta terra.<sup>24</sup>

É esta mística de que se falou mais acima, esta mística de fundamento bíblico: é aí que se encontra a fonte do elã das comunidades de base.

<sup>22</sup> FUNDAÇÃO SANTUÁRIO DAS COMUNIDADES. *Novena de Natal: o grito dos excluídos*. Caruaru: 1995, p. 07.

<sup>23</sup> Música popular entre as comunidades eclesiais de base.

<sup>24</sup> FUNDAÇÃO SANTUÁRIO DAS COMUNIDADES. *Ata extraordinária lavrada em 16 de abril de 2004 para fins de registro de homenagem póstuma prestada a Padre Pedro Batista de Aguiar*. In: Livro de Atas da Fundação Santuário das Comunidades. VI 01 folha 79.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Dalton de. Do poder da autoridade e participação na Igreja e como Igreja. In: **Leigos e participação na Igreja**. Estudos da CNBB (45). São Paulo: paulinas, 1986.

ARNS, D. Paulo Evaristo (org.). **Igreja, Classe Trabalhadora e Democracia**. São Bernardo do Campo: Edições Paulinas, 1985.

ASSMANN, H. Teología de la liberación: mirando hacia al frente. In: **Revista Latinoamericana de Teología**, n. 34, enero-abril, 1995, San salvador.

BALDISSERA, A. **CEB's: poder, nova sociedade**. São Paulo: Loyola, 1992.

BASIO, Almir. **A Ideologização do Sagrado na cultura pós-moderna**. Caruaru: monografia, 2002.

BERGUER, Peter. **O Dossel Sagrado: elementos para uma teoria sociológica da Religião**. São Paulo: Paulus, 1985.

**BÍBLIA SAGRADA**. São Paulo: Paulus, 1996.

BINGEMER, Maria Clara. A América Latina na virada do Milênio: entre o imediatismo e a santidade. In: **A fé numa sociedade de gratificação imediata**. Petrópolis: Vozes, 1999.

BOFF, Clodovis. **Teologia e prática**. Petrópolis, Vozes, 1978.

\_\_\_\_\_. **Influência política das Comunidades Eclesiais de Base**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.

BOFF, Leonardo, BOFF, Clodovis. **Como fazer teologia da libertação**. Petrópolis: Vozes, 1986.

BOFF, Leonardo. **Igreja: Carisma e poder: ensaios de eclesiologia militante**. Petrópolis: Vozes, 1981.

\_\_\_\_\_. **Teologia do cativo e da libertação**. Petrópolis: Vozes, 1980.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Promulgada em 05 de outubro de 1988.

BRUN, Eliane. O pecado do Silêncio. **Revista Época**. Rio de Janeiro, jun. 2005: Globo, edição 370. Disponível em: < [http://www.globo.com/revistaepoca \opecadodosilencio.htm](http://www.globo.com/revistaepoca/opecadodosilencio.htm)>. Acesso em 13. dez.2005.

CONBLIN, José. **O Povo de Deus**. São Paulo. Paulus, 2002.

\_\_\_\_\_. **Vocação para Liberdade**. São Paulo: Paulus, 1998.

CONGREGAÇÃO PARA DOCTRINA DA FÉ. **Instrução sobre alguns aspectos da Teologia da Libertação (Libertates Nuntius)**. Cidade do Vaticano: libreria Editrice Vaticana, 1984.

\_\_\_\_\_. **Instrução sobre a liberdade cristã e a liberdade (libertatis conscientia)**. Cidade do Vaticano: libreria Editrice Vaticana, 1986.

DOIMO, Ana Maria. Povo Como Sujeito de sua Própria História: metáfora de um Novo Tempo. In: \_\_\_\_\_. **A vez e a voz do popular: movimentos sociais e participação política no Brasil pós-70**. Rio de Janeiro: ANPOCS- Relume-Dumará, 1995.

ELIAS, Nobert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

FACULDADE DE TEOLOGIA NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO. **Pastoral Popular e Política Partidária**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1986.

FREUND, Julien. **Sociologia de Marx Weber**. Rio de Janeiro, Forense, 1980.

FUNDAÇÃO SANTUÁRIO DAS COMUNIDADES. **10º Natal das Comunidades: Dez anos de Caminhada**. Caruaru, 1990.

\_\_\_\_\_. **Novena de Natal. Um novo jeito de ser Igreja**. Caruaru: 1986

\_\_\_\_\_. **Novena de Natal. O grito dos Excluídos**. Caruaru: 1995.

\_\_\_\_\_. **Novena de Natal. 25 anos celebrando a espiritualidade libertadora: 2005**.

\_\_\_\_\_. **Cartilha das Comunidades**. Caruaru: Vanguarda, 1995.

\_\_\_\_\_. **Livro de atas de assembleias da coordenação ampliada**. Livro 01, Caruaru.

GRAMSCI, Antonio. **Maquiavel, a Política e o Estado Moderno**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

GUTIERREZ, Gustavo. **Cebs: novas perspectivas**. Petrópolis: Vozes, 1982.

HINKELAMMERT, F. A Teologia do Império. **Revista Amanhecer**, Reflexão Cristã na Nicarágua. Viterbo, n. 1, 1990.

JUVENAL, Frei. **Natal das CEB's**. Caruaru: Santuário das Comunidades. 2005.

LEERS, Bernardino. **O triste cristianismo e Jesus de Nazaré**. Petrópolis: Vozes, 2001.

LIBANIO, João Batista. **Cenários da Igreja**. São Paulo: Loyola, 1999.

\_\_\_\_\_. **Panorama da teologia da América Latina nos últimos anos**. Belo Horizonte: Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus, 1999.

LÖWY, Michael. **A Guerra dos Deuses: Religião e Política na América Latina**. Petrópolis: Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_. **Marxismo e Teologia da Libertação**. São Paulo: Cortez, 1991.

MESTERS, Carlos. **Círculos Bíblicos**. Petrópolis: Vozes, 2005.

MONDIN, B. **Os teólogos da libertação**. São Paulo: Paulinas, 1980.

POKER, José Geraldo. **A prática da Vida e os Desencontros da Libertação**. São Paulo, 1994.

POLLETO, Ivo. As Contradições Sociais e Pastoral da Terra. In: PAIVA, Vanilda (org) **Igreja e Questão Agrária**. São Paulo: Loyola, 1985.

RICHARD, Pablo. **Morte das Cristandades e Nascimento da Igreja**. São Paulo: Edições Paulinas, 1982.

RODRIGUES, Kleber Fernando. **Teologia da Prosperidade: sagrado e mercado**. Caruaru: Fáfica, 2003.

RODRIGUES, Leôncio Martins. **Partidos e Sindicatos: escritos de Sociologia e Política**. São Paulo: Ática, 1990.

SANTOS, Jair Ferreira dos. **O que é pós-moderno**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

TONUCCI P. M. **O que é teologia da libertação**. Petrópolis: Vozes, 1984.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade**. Brasília. EdUnB, 1997. V I

\_\_\_\_\_. Os três tipos puros de dominação legítima. In: CONH, Gabriel (org). **Sociologia**. São Paulo, Ática, 1993.